

LUCAS 18:9-14

por

Alan Rennê Alexandrino Lima

* TEXTO

9. Disse também essa parábola para alguns que confiavam neles mesmos, porque eram justos, e consideravam como nada os outros:

10. Dois homens subiram para o templo, para orar: um fariseu, e o outro, publicano.

11. O fariseu, estando de pé, dava graças para si mesmo dessa forma: Ó Deus, dou graças a ti, porque eu não sou como os outros homens, vigaristas, desonestos, adúlteros, ou ainda como este publicano.

12. Jejuo duas vezes por semana, e dou o dízimo de tudo quanto sou dono.

13. Mas, o publicano, de muito longe, estando de pé, não desejava nem mesmo erguer os olhos para o céu, mas batia no próprio peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!

14. Digo-vos que este desceu justificado para a sua casa, ao contrário daquele, porque o que exalta a si mesmo, será humilhado, mas o que humilha a si mesmo, será exaltado.

* INTRODUÇÃO

“Algumas vezes, penso que a própria essência de toda a posição cristã e o segredo de uma vida espiritual de êxito estão em reconhecer apenas duas coisas: preciso ter confiança completa e absoluta em Deus, e nenhuma confiança em mim mesmo”.

“A suficiência dos meus méritos está em saber que meus méritos não são suficientes”.

Meus amados irmãos, estas duas frases foram proferidas pelo Dr. Martyn Lloyd-Jones e Santo Agostinho, respectivamente. Ao proferirem tais palavras, estes homens de Deus estavam salientando um princípio básico e importantíssimo para a adoração cristã: Deus deve ocupar o centro das nossas atenções, das nossas vidas. Ele deve vir em primeiro lugar. Todavia, meus diletos irmãos, estamos

inseridos em um contexto onde o que tem imperado é o antropocentrismo, ou seja, no mundo hodierno o homem é visto como sendo o centro das atenções, o centro do universo. Aliado a isso, surge outro grande problema. Algumas, senão muitas pessoas, têm a noção de que são boas demais. São imaculadas. Pessoas que pensam que pelas obras filantrópicas, pela fidelidade em todas as áreas da vida, inclusive no que concerne a fidelidade nos dízimos, poderão assim, obter o favor de Deus.

Interessante, meus amados, é que em ambos os casos, tais pessoas possuem dentro de si a firme convicção de que estão prestando a verdadeira adoração ao SENHOR. Não sabem elas, que estão sendo rejeitadas por Deus.

No que tange o culto que agrada a Deus, à verdadeira adoração, a Confissão de Fé de Westminster estabelece alguns princípios interessantes que requerem a nossa atenção. No capítulo XXI, na seção I encontramos a seguinte afirmação: “... o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestão de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras”. Ainda no mesmo capítulo, mas agora na seção III, a Confissão de Fé afirma: “A oração, com ações de graças, sendo uma parte especial do culto religioso, é por Deus exigida de todos os homens; e, para que seja aceita, deve ser feita em o nome do Filho, pelo auxílio de seu Espírito, segundo a sua vontade, e isto, com inteligência, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança...”.

Assim, meus irmãos, nós podemos perceber que no mundo em que vivemos, o Princípio Regulador do culto tem sido desprezado e suplantado pelo egoísmo humano. Entretanto, a adoração a Deus e a oração como parte dessa adoração requerem da nossa parte extrema seriedade e profunda reflexão.

* ELUCIDAÇÃO DO TEXTO

O evangelho de Lucas volta parte de sua atenção para as pessoas consideradas de má fama pela sociedade judaica. Lucas menciona muitas pessoas que não eram respeitáveis. O trecho que acabamos de ler é uma parábola proferida por Jesus, como é atestado no início do versículo 9: “Propôs também esta parábola...”. O contexto desta parábola tem como propósito central, estimular as pessoas na prática

da oração como parte intrinsecamente partidária da adoração. Podemos perceber claramente que há uma inter-relação entre esta perícopa e a parábola do juiz iníquo, onde nos é ensinado sobre o dever de perseverar na oração.

Na introdução dessa parábola podemos observar com muita sensibilidade as atenções sendo voltadas para o grupo religioso dos fariseus, embora, no escopo da parábola não seja especificado tal grupo.

No capítulo 15 vs. 1 e 2, Jesus recebe publicanos e os fariseus e os escribas passam a murmurar. É possível que esse talvez tenha sido o motivo pelo qual Jesus utilizou as figuras do fariseu e do publicano na parábola, já que os fariseus se consideravam como aquilo de melhor da humanidade e os publicanos eram desprezados pelos seus patrícios. Ainda no capítulo 16, a partir do versículo 14, Lucas registra várias palavras de Jesus, onde Ele confronta com muita firmeza o grupo farisaico. Na seqüência, Jesus ensina sobre a misericórdia de Deus alcançando grupos sociais que eram desprezados pela sociedade, como por exemplo: os pobres (16.19-31); os leprosos (17.11-19); as viúvas (18.1-8) e os coletores de impostos (18.9-14).

Ao contar esta parábola Jesus estava repudiando, decisivamente, o entendimento de justificação e salvação por meios de méritos próprios e nos instruir a respeito da essência da verdadeira adoração e da oração feita com reverência e humildade.

Examinemos mais pormenorizadamente, as atitudes destes dois homens.

* TESE

A adoração a Deus deve ser prestada com temor e humildade, do contrário, o homem terá o seu culto reprovado por Deus.

* TEMA

REALIDADES ACERCA DA ADORAÇÃO DE DOIS HOMENS

I - SEMELHANÇA (vv. 9, 10)

No início do presente trecho Jesus se dirige a um grupo de espectadores que de acordo com o texto “confiavam em si mesmos, por se

considerarem justos, e desprezavam os outros”. Esta é uma afirmação que salienta um grupo específico, todavia, constitui-se um erro o fato de imaginarmos que o total do grupo que ouvia as palavras de Jesus era constituído unicamente por fariseus. Podemos concluir que o auditório que ouvia o Mestre era grande o número das ditas pessoas que eram desprezadas pela comunidade.

Jesus começou a ensinar sobre o dever que as pessoas têm de orar, mas não só isso. Ensinou acerca da perseverança na oração e principalmente, sobre o princípio norteador das mesmas. Assim, Jesus começou a falar a respeito de duas pessoas que possuíam certa similaridade entre si. Ele falou a respeito de um fariseu e de um publicano. A priori, dois grupos sociais antagônicos, mas que tinham algo em comum. E o que, afinal, era semelhante entre essas duas pessoas tão distintas? Ora, o que esses dois homens tinham como semelhança era aquilo que é inerente a todos os seres humanos.

1.1. A DISPOSIÇÃO DE AMBOS PARA A ADORAÇÃO (v. 10)

O versículo 10 nos fala sobre dois homens: “um fariseu, e o outro, publicano”. Estes dois homens se dirigiram ao templo com um propósito bem definido: adorar a Deus, fazendo as suas orações. No Antigo Testamento nós encontramos a força motriz para que as pessoas se dirigissem ao templo para orar. Em 1 Reis 9. 3, o SENHOR promete em resposta ao pedido de Salomão que, qualquer oração feita de maneira correta e também naquela casa, deveria, preferivelmente, ser aceita, além do mais, os olhos e o coração do SENHOR estariam ali todos os dias.

Estes homens foram ao templo para que ali, eles pudessem fazer as suas orações particulares, embora fosse no templo que se realizassem as sessões de orações públicas, o contexto nos mostra que se tratavam de orações particulares.

Absolutamente normal é o fato de encontrarmos um fariseu no templo com a finalidade de orar, já que para que houvesse a constante manutenção da sua imagem de alguém extremamente piedoso, era imprescindível que ele fosse visto como um homem de oração. O inusitado aqui nessa parábola é o fato de encontrarmos um publicano (coletor de impostos) no templo, e acima de tudo, orando, já que os coletores de impostos eram marginalizados pela sociedade, conseqüentemente, excluídos dos exercícios religiosos.

O fariseu e o publicano, apesar de certa discrepância, encontravam-se conscientes da existência de um Deus, santo, soberano, perfeito. Também estavam conscientes da necessidade mais básica do ser humano, que é demonstrada desde os dias de Caim e Abel: a comunicação com este Deus Todo-Poderoso. Estavam conscientes do dever da oração.

Todos os homens, indistintamente, sentem a necessidade de adorar algo. Sentem a existência de alguém maior do que eles. Segundo João Calvino, o homem possui dentro de si a “*semen religionis*”, que caracteriza esta necessidade intrínseca ao homem. Todas as pessoas têm a consciência de algo mais elevado que elas. A consciência da adoração está presente em cada coração humano, estava presente nos corações desses dois homens. E isso era o que os tornava semelhantes. Era o que tornava Caim e Abel semelhantes quando trouxeram a sua oferta ao mesmo altar. Entretanto, a semelhança entre o fariseu e o publicano era ínfima, terminando exatamente neste sentido.

II - CONTRASTES (vv. 11-13)

Na parábola de Jesus, a semelhança existente entre o fariseu e o publicano ficava apenas na consciência religiosa de ambos. A partir do versículo 11 tem início uma bifurcação na atividade adorativa deles. Começam a ser estabelecidas aqui as diferenças, os contrastes, que não eram perceptíveis através de uma análise superficial, pois os contrastes estavam arraigados no coração de cada um deles.

É interessante notarmos que tais diferenças não são de forma alguma insignificantes, pois elas evidenciam a verdadeira e a falsa adoração. Elas evidenciam a oração humilde a oração hipócrita. O simples fato de ambos terem se dirigido para o templo, não nos ajuda muito. De forma que os contrastes podem ser percebidos em dois níveis.

2.1. A POSTURA DE AMBOS NA ADORAÇÃO (vv. 11a; 13a)

O versículo 11, assim como o versículo 13 nos informa que o fariseu e o publicano, ambos, estavam de pé, pois essa era a posição costumeira para a oração. Entretanto, a motivação disso não se limitava unicamente ao cumprimento ritualístico, voltado para uma posição específica. A motivação pela qual o fariseu estava de pé pode ser compreendida a partir da leitura das palavras de Jesus, registradas em

Mateus 6.5: *“E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos homens”*. Deve ser salientado aqui, meus amados irmãos, que o templo era um lugar bem mais destacado do que as sinagogas e as esquinas das praças. Isso o levava a orar de pé.

O fariseu mostrava uma ousadia enorme ao fazer as suas orações de pé. Ele estava tomado pelo orgulho. A sua oração era proferida com um espírito orgulhoso. Alguém já enfatizou certa vez que o orgulho é o pecado que Deus abomina, pois foi, provavelmente, o pecado de Lúcifer, pois há questões manuscritológicas que devem ser levadas em conta nessa interpretação. Além disso, o local do templo onde o fariseu estava orando também nos é significativo. William Hendriksen, ao fazer uma comparação com o versículo 13 chega à conclusão: “o fariseu orava o mais próximo possível do santuário real, com seu Lugar Santo e o Santo dos Santos”. Lá estava o fariseu, num lugar estratégico, onde ele poderia ser visto e ouvido pelas demais pessoas. Os fariseus eram considerados pelos seus compatriotas como homens extremamente piedosos, e para manter essa boa imagem era mister um local provido de uma boa visualização para serem vistos em atitude de oração. Um local nessas condições contribuiria para essa tarefa.

Lemos ainda no versículo 11 que o fariseu “orava de si para si mesmo”. No templo o fariseu olhava para o céu e orava a respeito da sua própria justiça. O verbo empregado no texto grego indica algo que ele fazia em prol de si mesmo. Assim sendo, a melhor tradução seria que o fariseu “dava graças a si mesmo”. Ele orava fazendo elogios à sua própria pessoa. Orgulhava-se da sua integridade moral. O seu orgulho o levava a dar graças a si mesmo. Matthew Henry ao comentar essa passagem diz que dessa forma, “o fariseu orgulhoso como era não podia pensar corretamente sobre a oração”. Exteriormente, o fariseu dirige a sua oração a Deus. No entanto, interiormente, este homem estava adorando a si mesmo. É interessante para nós a afirmação do ministro puritano Thomas Watson: “muitas vezes a postura usada na adoração, nada mais é do que impostura”.

Já o coletor de impostos mostra uma atitude completamente diferente da do fariseu. É certo que, de acordo com o início do versículo 13, ele também fazia a sua oração de pé. Este é mais um indicador de que orar de pé era algo costumeiro. Entretanto, devemos observar o restante do versículo. Jesus nos diz que o publicano se encontrava “longe”. Era costume dos publicanos não entrarem em uma sinagoga.

Este aqui desejava encontrar um lugar apropriado, onde ele pudesse orar a Deus sem ser hostilizado. Como também era judeu, ele tinha acesso ao pátio externo do templo e podia ir até lá na hora de oração, pela manhã ou à tarde. O desejo deste homem era encontrar um local onde pudesse permanecer afastado dos outros que se encontravam no templo.

Em Isaías 56.7 o SENHOR afirma que a Sua Casa de Oração seria chamada “Casa de Oração para todos os povos”. O publicano foi ao templo, porque este, era designado para ser a casa de oração para todos as pessoas. Uma outra possibilidade para o publicano manter distância era a consciência que ele tinha da sua pecaminosidade, da sua malignidade.

O versículo 13 continua: “... não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu...”. No momento da oração, erguer os olhos para o céu era uma atitude completamente normal, porém o senso de indignidade tomava conta do ser deste homem. A consciência do “ai de mim! Estou perdido! Sou pecador!” não permitia que este coletor de impostos olhasse para o santuário celestial. A vergonha aqui é um sentimento presente, por isso, ele não tem outra coisa a fazer senão, manter os seus olhos abaixados.

Ainda no que concerne à postura do publicano, o texto nos diz que ele “batia no peito”. O que nós podemos apreender dessa afirmação é que o publicano, enfatizando a sua auto-acusação, batia continuamente em seu peito. Este homem se encontrava em desespero, por isso, ele batia no seu peito, apontando para o local de onde ele tirava o “mau tesouro” (Mateus 12.35). O publicano tomou conhecimento que do seu coração procediam os maus desígnios (Mateus 15.19).

Meus irmãos, devemos ainda atentar para o fato de que os contrastes observados entre estes dois homens não se limitava unicamente à postura de ambos, vão mais além.

2.2. O CONTEÚDO DAS ORAÇÕES DE AMBOS (vv. 11b, 12, 13b)

O contraste perceptível entre o fariseu e o coletor de impostos não é estabelecido unicamente no âmbito das posturas desses indivíduos, mas podem ser observadas também no que concerne ao conteúdo das suas orações. Algo igualmente interessante que deve ser mencionado é que tanto a postura, como o conteúdo de cada

oração são evidências externas daquilo que está alojado no fundo de cada coração. O certo é que as palavras de ambos são muito reveladoras.

O fariseu, no versículo 11 orou da seguinte forma: “Ó Deus, graças te dou...”. Mais uma vez, meus amados, deve ser lembrado que o fariseu proferia uma oração hipócrita, pois apenas exteriormente o SENHOR era o objeto da sua prece, mas no fundo do seu ser, o trono que pertencia a Deus estava sendo ocupado pelo seu “eu”. Ele agradecia a Deus, porém, na verdade as suas palavras soaram como uma introdução para uma orgulhosa e maldita ostentação de vanglória pessoal. Continuando com a sua oração, o fariseu disse: “Graças te dou, ó Deus, porque não sou como os demais homens”. Aqui o fariseu falou algo de forma indefinida, pois segundo o seu coração testificava, ele era a única pessoa boa do mundo, todas as outras eram más, desprezíveis, ele não. Ele continua, agora citando os pecados que ele achava que não tinha cometido. Primeiramente, ele nega ser um ladrão, depois nega ser injusto, e nem ainda é um adúltero. Todavia, meus irmãos, após uma leitura atenciosa das palavras desse homem e da percepção da profundidade das suas palavras, podemos ver que este fariseu era realmente culpado por todos estes pecados. Ele era um ladrão, pois com a sua atitude auto-suficiente estava roubando a honra devida ao SENHOR Deus. Também era uma pessoa desonesta, pois estava defraudando a si próprio de receber a bênção do perdão de Deus. E em Oséias 1.2 e 5.3 está registrado o princípio do pior de todos os adultérios: o adultério espiritual. Ele estava adulterando, pois estava apostatando do verdadeiro Deus. Não contente com a jactância e o orgulho demonstrados até aqui, o fariseu no final do versículo 11 contrasta a sua justiça com a do publicano que também estava no templo: “... nem ainda como este publicano”. O fariseu aproveita a oportunidade de ter ali na sua frente um exemplo concreto daquilo que ele afirmava não ser. Então, passa a fazer um julgamento indiscriminado. Ele se referiu ao publicano de forma negativa. O princípio era que aquilo que ele não era estava ali ao seu lado para reforçar a sua auto-justificação.

Um exemplo do espírito farisaico pode ser percebido em uma oração proferida pelo rabino Nedhunya ben Ha Kana, mais ou menos no ano 70 d.C. e registrada pelo Dr. Simon Kistemaker: “*Graças te dou, ó Senhor meu Deus, que me tens dado a minha porção com aqueles que se assentam na casa do conhecimento e não tens colocado minha porção com aqueles que se assentam nas esquinas, porque*

eu me levanto cedo por causa das palavras da Torá, e eles se levantam cedo por causa das conversas frívolas; eu trabalho e eles trabalham, porém eu trabalho e recebo a minha recompensa; eu corro e eles correm também, porém eu corro para a vida do mundo futuro, e eles correm para a destruição”.

No versículo 12, o fariseu passa a mencionar aquilo de positivo que ele praticava: “jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho”. No pensamento dele pode ser encontrada a idéia do pensamento que teve aceitação durante a Idade Média na Igreja Romana: a idéia das obras de supererogação, onde a sua justiça excedia qualquer falta porventura cometida. Ora, ele não estava fazendo bem mais do que a Lei de Moisés exigia? Em Levítico 16.29 está escrito: “Isso vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, afligireis a vossa alma e nenhuma obra fareis..., porque naquele dia se fará expiação por vós”. A Lei prescrevia apenas um dia para se fazer jejum, o Dia da Expiação. Deuteronômio 14.22 determina o dízimo “de todo o fruto das sementes, do cereal, do vinho e do azeite”. Todavia, o fariseu mais uma vez transcendia o determinado pela Lei ao dizimar até das ervas do seu jardim.

Em oposição ao fariseu, meus irmãos, o publicano estava consciente dos seus pecados. Como conseqüência, a atitude deste, foi unicamente a de confessar a sua pecaminosidade. O coletor de impostos nada tinha do que se vangloriar, nada tinha do que se orgulhar. O seu espírito se encontrava contristado de tal forma que ele não conseguia pôr em ordem as palavras da sua oração. Na estrutura da oração do publicano podemos perceber a ausência de palavras de louvor e de gratidão. Mas, o fato é que o peso da sua iniquidade era enorme e o oprimia. A única frase que este homem conseguiu articular foi: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”. Em antítese à atitude do fariseu, o publicano nada apresentou. Não se auto-justificou. Não fez de Deus o seu devedor, nem exigiu nada dEle como recompensa. O sentimento expresso nas palavras dele é semelhante ao expresso nas palavras do apóstolo Paulo em 1 Timóteo 1.15: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal”. O publicano se voltava unicamente para a misericórdia do SENHOR, pois ele tinha conhecimento que só assim, a sua memória não seria extirpada da terra.

O verbo empregado na sua oração para “sê propício” pode ser também traduzido como: “seja removida a Tua ira”. A convicção de pecado fez o publicano reconhecer aquilo que ele merecia da parte de Deus. O publicano ligeiramente se assemelha novamente ao fariseu no sentido de que ele também se coloca como uma

pessoa *sui generis*, diferente de todas as outras, porém, ele se considera o pior de todos os pecadores. Enquanto o fariseu achava que era o melhor, o publicano via a si mesmo como o pior.

III - RESULTADOS (v. 14)

Partindo do princípio de que toda ação produz uma reação, era de se esperar que as atitudes distintas destes dois homens produzissem resultados diferentes. Partindo do caráter sábio, santo e justo do SENHOR nosso Deus, era inevitável que eventos completamente diferentes ocorressem nas vidas do fariseu e do coletor de impostos.

3.1. A ACEITAÇÃO DO PUBLICANO (v. 14a)

Jesus finaliza a parábola dizendo que o publicano “desceu justificado para sua casa”. Ao assumir a sua malignidade, o seu pecado, este homem estava se declarando completamente inabilitado para conseguir a sua salvação. Ao confessar que defraudava o seu próximo, roubava os seus irmãos, e isso se opondo à santidade do SENHOR, o publicano estava consciente da sua realidade espiritual. Ele estava consciente de que estava perdido. Isso nos remete ao sentimento do profeta Isaías, quando este contemplou a glória do SENHOR. A sua oração se assemelhou à expressão de Isaías: “Ai de mim! Estou perdido! Sou pecador!”.

O emocionante meus irmãos, é que foi a sua humilde oração que foi aceita pelo SENHOR! Ao fazer a sua oração, o coletor de impostos tinha conhecimento que a ira de Deus pairava sobre ele. Ele sabia que Deus era Deus santo. Ele entendeu que a ira de Deus estava sobre os seus pecados, por isso, ele sentia a necessidade de ser justificado. Daí, podemos, enfim, compreender o seu clamor: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”. “Ó Deus, tem misericórdia deste miserável pecador!”.

O SENHOR Deus ouviu e respondeu ao grito angustiado daquele pecador, que sofria em intensa agonia espiritual. A oração do publicano foi muito simples, desprovida de toda e qualquer formalidade. Foi uma oração sincera, feita por um coração pobre de qualquer mérito pessoal. Em 1 Samuel 16.7, o SENHOR afirmou que não vê como vê o homem. Deus vê o coração de cada um. O SENHOR conhece a motivação de cada pessoa no ato da adoração. O SENHOR sondou o

coração do coletor de impostos e viu que era completamente vazio de qualquer justiça pessoal, vazio de autoconfiança.

Na sua oração, o publicano fez uso das Escrituras. Ele praticamente incorporou ao seu coração as palavras de Davi no salmo 51.1: “Compedece-te de mim, ó Deus”. O Dr. Simon Kistemaker salienta que “Deus responde à oração feita segundo as Escrituras”.

Jesus disse que o publicano voltou para sua casa justificado. O verbo empregado está no perfeito, indicando uma ação completada no passado, mas cujos efeitos se estendiam até o presente. Este homem que confiou na misericórdia de Deus foi absolvido, inocentado dos seus pecados pelo próprio Deus. Ele foi justificado no sentido forense. O próprio Deus o declarou inocente! Este homem foi declarado justo, perdoado! E num aspecto positivo, agora ele havia sido adotado pelo SENHOR. Agora ele pertencia à família do Deus Todo-Poderoso! Entretanto, esta não foi a realidade do outro homem.

3.2. A REJEIÇÃO DO FARISEU (v. 14a)

Diferentemente do publicano, o fariseu havia ignorado algumas premissas importantes: o pecado como algo intrínseco a toda humanidade; que qualquer sentimento de justiça própria diante de Deus é detestável. Ele desconhecia principalmente, a existência de conceitos como “misericórdia” e “graça”.

Pelo contrário, ele negou ser pecador. Negou que era mau assim como qualquer outra pessoa. Este homem achou que o SENHOR não estava sondando o seu coração e nele achou engano. Ninguém poderia acusá-lo, então, por que ele deveria se auto-acusar? Ele estava limpo aos seus olhos. Estava puro. Ele conseguia ver pecado nas outras pessoas, por isso podia julgá-los. O fariseu achava que ali, naquele lugar se existia alguém que merecia ser justificado, esse alguém era ele mesmo, não o publicano. No entanto, a base do seu pensamento estava completamente desvirtuado. Para ele, a base da sua justificação era a sua própria justiça. Só que a base da justificação do verdadeiro crente são os méritos de Cristo na Sua obra expiatória. O fariseu via apenas os seus méritos. Já o publicano sabia que a sua justificação não dependia dos seus méritos.

O resultado apresentado por Jesus mostrou justamente o contrário daquilo que as pessoas esperavam. O fariseu voltou para sua casa rejeitado, reprovado

por Deus. O seu orgulho foi a causa da sua ruína. Por causa da sua auto-suficiência ele foi rejeitado por Deus. O seu orgulho foi uma abominação aos olhos do SENHOR. Ele não foi justificado. Seus pecados não foram perdoados, muito menos ele estava livre da condenação.

O princípio é que Deus “resiste ao soberbo, mas concede graça àquele que se humilha” diante da Sua santa presença. Como está registrado no livro de Jó: “Deus salvará o humilde”. Porque todo o que se exalta será humilhado. Será reprovado. Será rejeitado; mas o que se humilha será exaltado. Será justificado. Será perdoado.

* CONCLUSÃO

Meus amados, vimos aqui dois homens levados à adoração, todavia, os seus propósitos eram completamente distintos. Além disso, o desfecho desta parábola nos mostrou que os resultados também foram diferentes.

A aplicação desta parábola contada por Jesus Cristo, não é limitada de forma alguma, nem pelo tempo, muito menos pela diversidade cultural. Desde os primórdios da revelação bíblica, no que diz respeito à adoração na história de Caim e Abel até aos nossos dias, essa situação é claramente perceptível.

São inúmeros os “fariseus” e os “publicanos” que podem ser encontrados nas igrejas e no nosso círculo eclesiástico. Orações como as do fariseu e do publicano ainda são proferidas. O sentimento que estimulava Caim e Abel a sacrificarem ao SENHOR ainda pode ser visto nas nossas igrejas na hora do culto. Entretanto, quem pode perscrutar o coração humano? Quem pode distinguir de longe o espírito que impulsiona o homem moderno à adoração? O mesmo que não recebeu o sacrifício de Caim e se agradou da oferta de Abel. O mesmo que reprovou o fariseu e justificou o coletor de impostos: o SENHOR Deus Todo-Poderoso! No entanto, se olharmos através do espelho da Palavra de Deus, podemos vislumbrar “fariseus” e “publicanos em nossa própria vida. O propósito de Jesus Cristo nessa parábola é nos ensinar que a verdadeira humildade leva à exaltação pela graça de Deus. Ele nos ensina que devemos olhar unicamente para Ele ao buscarmos a base da nossa salvação.

Que nós nos conscientizemos da nossa insignificância diante da majestade do SENHOR e dos méritos de Cristo e da importância de orarmos ao

SENHOR segundo as Escrituras. Assim, poderemos clamar por misericórdia. E Deus, com certeza, nos perdoará. Que possamos fazer uso das palavras de Toplady: *“Nada trago em minhas mãos, simplesmente me apego à Tua cruz”*.

SOLI DEO GLORIA!

Alan Rennê Alexandrino Lima